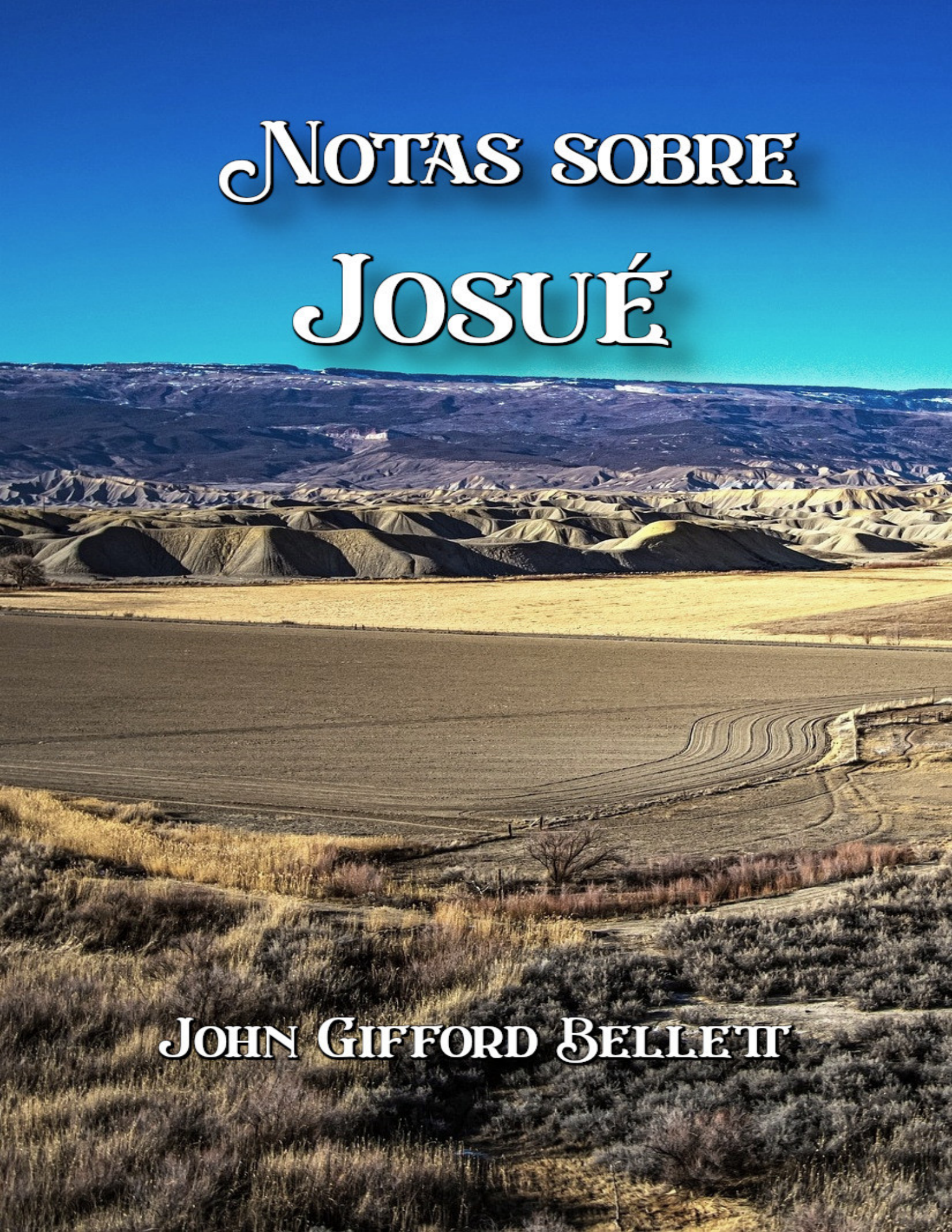




NOTAS SOBRE JOSUÉ

JOHN GIFFORD BELLETT

Notas sobre Josué

Parte 1 e 2 de 3

John Gifford Bellett

Título do original em inglês:

Notes on Joshua – J. G. Bellett

Primeira edição em português – março de 2026

Originalmente publicado por:

BIBLE TRUTH PUBLISHERS

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

Estados Unidos da América

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB – 1994

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ACF, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

Notas sobre Josué

John Gifford Bellett

Introdução: Josué

“Estava entre nossos pais no deserto o tabernáculo do testemunho... o qual, nossos pais, recebendo-o também, o levaram com Josué quando entraram na posse das nações que Deus lançou para fora da presença de nossos pais” (Atos 7:44-45).

Diz-se que acontecimentos futuros, que têm importância em si mesmos, lançam antecipadamente a sua sombra; e a chegada de pessoas de dignidade tem mensageiros que a anunciam. Vejo isso em Josué.

Josué teria um grande ministério confiado a ele. Ele deveria conduzir Israel à terra de sua herança. Ele deveria testemunhar, como posso dizer, o dia da glória entre o povo de Deus, assim como Moisés testemunhou o dia da graça. Ele seria o redentor da herança, assim como Moisés fora o redentor do herdeiro. Por meio dele, Deus aperfeiçoaria o que dizia respeito a Israel, assim como por meio de Moisés Ele o havia começado. Ele deveria conduzir Israel a Canaã, assim como Moisés os havia conduzido para fora do Egito. Portanto, de antemão, vemos Josué constantemente com Moisés. Ele o acompanha; como eu diria, a herança acompanha o herdeiro, ou o fim de uma obra acompanha o seu início. E essa constante permanência ao lado de Moisés, ou em servi-lo, era uma sombra projetada antecipadamente do ministério que ele deveria cumprir, assim que chegasse o seu dia – pois ele deveria terminar, como dissemos, o que Moisés havia começado para Israel; ele deveria unir a herança e o herdeiro.

Mas, além disso, não é apenas nessa constante companhia com Moisés, nessa permanência ao seu lado e em servi-lo, que vemos um prenúncio do futuro ministério de Josué; vemos isso também nos serviços que ele prestou a Israel enquanto Moisés ainda estava com eles. Ele luta contra Amaleque, justamente quando Israel se aproximava do Monte de Deus, e traz de Canaã uma prova dos frutos daquela terra, que era a herança prometida (Êxodo 17; Números 13-14). Esses são eventos significativos. São exemplos, por assim dizer, do ministério daquele que, em breve, subjugaria as nações de Canaã e dividiria a terra delas como herança entre o povo do Senhor. E assim, esse ministério lançou sua sombra antecipadamente. O Josué do deserto pode nos preparar para o Josué da terra. Pedro, entre os apóstolos, predestinado a apascentar as ovelhas e os cordeiros da Rocha de Deus, e Josué, predestinado a liderar Israel em breve, são ambos submetidos aos seus exercícios – e, de fato, isso é bom para todos nós, amados.

E aqui, permitam-me observar que a relação de Arão com Moisés era diferente da de Josué. A de Arão era de coordenação, enquanto a de Josué era de subordinação. Reconheço que Moisés era, de certa forma, o principal; pois, na ordem divina, o rei precede o sacerdote. Ainda assim, Arão era independente em grande medida. Ele não servia a Moisés, como Josué. Ele não era um reflexo de Moisés, nem seu sucessor. Seus ofícios e ministérios não admitiam tais coisas. Mas isso é apenas o que quero dizer adiante. O tempo do Livro de Josué foi o tempo do primeiro amor de Israel na terra, assim como o breve dia do Livro de Levítico havia sido o tempo do seu primeiro amor no deserto. No deserto, o pecado do bezerro de ouro havia sido perdoado, e, pela fé, o santuário de ouro, como posso chamá-lo, havia sido erguido. E enquanto esse santuário ainda estava aberto, Israel passou o tempo do Livro de Levítico em torno dele, e tudo estava em feliz e santa ordem, entre eles e o Senhor.

Há mal, é verdade, como nas pessoas de Nadabe e Abiú, e também no filho de Selomite; mas, apesar disso, há zelo no arraial

para se purificar a si mesmo. E assim, agora, enquanto estamos no tempo do Livro de Josué, Israel se comporta com um espírito muito correto. Há mal novamente, eu sei, na pessoa de Acã; mas há novamente zelo no povo para se purificar a si mesmo do mal. E assim, o livro apresenta Israel como vivendo um tempo de primeiro amor. Eles servem ao Senhor todos os dias de Josué.

Temos uma época semelhante na história da Igreja. Ela é vista em Atos 2-5. O mal está presente novamente, como nas pessoas de Ananias e Safira. Mas, mais uma vez, há zelo para eliminá-lo; e a Igreja, por um instante, por uma hora ensolarada e sem nuvens da manhã, como a de Levítico no deserto, ou como a de Josué na terra, está em seu primeiro amor.

Infelizmente, sabemos que tais estações passam rapidamente. Elas são feitas para brilhar em seu momento determinado, como o breve instante de Adão no final de Gênesis 2. Elas testemunham a mão do Senhor em Sua santa e bela obra, e assim vindicam Sua graça e sabedoria na variada administração de Seu nome entre os homens – ou, no progresso das eras e dispensações. Mas o homem – seja Adão, Israel ou a Igreja – colocado na mordomia, logo se revela infiel. Deus é justificado; nós somos expostos. Deus é justificado, quer Ele nos toque a flauta, quer Ele nos cante lamentações – mas nós nos revelamos um instrumento desafinado. Não temos resposta ao toque de Seu dedo, não dançamos ao som de Sua flauta, não lamentamos ao Seu pranto, por mais hábeis que sejam nosso coração e nossas mãos em obras e invenções próprias.

Josué Assume o Cargo: Josué 1

A ordenação de Josué, como falamos, ocorreu na época de Números 27. Neste capítulo, ele recebe sua incumbência, ou é designado para o seu ofício, para realizar a obra para a qual já havia sido ordenado.

Davi também havia sido ordenado muito antes de assumir o cargo. O óleo de Samuel fora derramado sobre sua cabeça antes mesmo de suas aflições sob o domínio de Saul começarem. E, como podemos considerar isso como pertencente a este livro, gostaria de retroceder um pouco até a ordenação de Josué; pois havia grande beleza moral na conduta de Moisés naquela ocasião, que pode ser proveitosa para a alma refletir.

Para profunda tristeza de seu coração, Moisés foi impedido de entrar na terra. Ele havia perdido esse privilégio; e uma bênção perdida jamais é restaurada. A perda pode abrir caminho para algo melhor; mas a própria coisa perdida jamais é restaurada.

Moisés se curva diante do propósito determinado do Senhor, que lhe nega a entrada na terra prometida. Ele não diz mais nada a respeito; mas o cuidado com o rebanho de Israel, que ele havia tirado do Egito e que agora deixaria no deserto, desperta em seu coração uma profunda preocupação. Ele os contempla com os olhos de seu divino Mestre nos dias vindouros. Jesus viu Israel como ovelhas que não têm pastor e começou a ensiná-las e a ordenar outros para o mesmo serviço. Moisés agora vê Israel como ovelhas que em breve ficariam sem pastor e começa a interceder por elas. Ele pede ao Senhor que lhes dê um pastor. Ele se volta de sua própria tristeza para a necessidade do povo – e é sempre belo quando conseguimos pensar nas aflições dos outros no dia de nossa própria calamidade.

O bendito Senhor, demonstrando toda a virtude como Ele o fez, tendo preeminência moral, pessoal e oficial em todas as coisas,

dirigiu-se às filhas de Jerusalém a caminho do Calvário e, depois, à sua Mãe na cruz. Assim, Moisés seguiu seu caminho e medida. E, permita-me observar, Moisés era um homem humilhado e de coração quebrantado naquele momento. Canaã lhe foi negada, e ele viu a mão de outro, de um mais jovem, encarregada daquele serviço e daquela dignidade que lhe foram tirados. Mas, com santa largueza de coração, semelhante a Cristo, ele esquece tudo, exceto a necessidade do povo.

Isso foi belo – e o Senhor respondeu a isso com grande doçura de graça. Ele imediatamente disse a Moisés que daria a Israel um líder segundo o seu desejo; mas mais do que isso – e bendito é ler sobre tamanha graça – o Senhor lhe disse que ele deveria ordenar esse líder de Israel, dar-lhe as suas instruções na presença da congregação e colocar sobre ele um pouco do Seu Espírito.

Quão sublime, na maneira da graça, é tudo isso! A tristeza de Moisés será aliviada, e o desejo do seu coração pelo rebanho que amava e estava prestes a deixar será satisfeito – e, em vez de ser humilhado, ele será honrado. Todo o povo, toda a congregação de Israel, verá que ele é o **“maior”**, e não o **“menor”**, abençoando seu futuro líder e depositando sobre ele um pouco, embora não todo, do seu espírito!

Esta foi, de fato, uma ocasião repleta de beleza; a consideração da graça com que o Senhor tratou Seu servo, e o amor desprendido que preencheu o coração desse servo! Os encontros entre o Senhor e os santos são, por vezes, maravilhosos, no tom de santa e graciosa intimidade que os caracteriza, e este é um exemplo disso.

Após essa ordenação, Josué assume o cargo, ou seja, inicia sua obra. Sua comissão é então lida para ele, juntamente com palavras de encorajamento, exortação e promessas.

A terra, em seu comprimento, largura e limites, também lhe foi descrita, assim como o povo que ali habitava, para que Josué

soubesse qual era a tarefa que lhe fora confiada e como lhe coubera fazer com que o Israel redimido de Deus tomasse posse da herança que lhes fora prometida como descendência e filhos de seus pais.

Josué começa imediatamente a agir sob suas ordens e prepara o povo para a travessia do Jordão; e aqui me vem à mente a lembrança de que pequenas coisas na Escritura às vezes são muito significativas. **“Saúda-vos Lucas, o médico amado, e Demas”** é um exemplo do que quero dizer.

Essas palavras transmitem a impressão que o apóstolo tinha então na mente a respeito daqueles dois companheiros seus – e os eventos que se seguiram rapidamente confirmaram tais impressões.

Assim é aqui, no final do nosso capítulo. Quanto às tribos em geral, Josué apenas disse: **“Provede-vos de comida, porque dentro de três dias passareis este Jordão, para que entreis a possuir a terra que vos dá o Senhor vosso Deus”**. Eles estavam desimpedidos, em ordem de viagem, e só precisavam saber a hora da partida. Como Noé, eles estavam prontos para a viagem que os levaria a outro mundo. Tudo o que precisavam fazer era entrar na arca. Mas os rubenitas, os gaditas e a meia tribo de Manassés não estavam tão livres, e Josué os tratava como um fardo pesado nesta hora de partida. Ele precisava confrontá-los; pelo menos, sentia que precisava lembrá-los de seus compromissos com Moisés, pois eles não estavam em sua vista, como se fossem o próprio Israel. De certa forma, ele era para eles o que o anjo que veio a Sodoma foi para Ló. Não digo que eles eram Ló, mas, em alguns aspectos, podem nos lembrar dele. Assim como ele, a história deles começa com o olhar atento para as planícies bem irrigadas, ideais para a criação de gado; e, por terem gado, estabeleceram-se na margem desértica do Jordão.

Isso pode nos ensinar uma lição. Moisés, ao sair do Egito, nada disse sobre Gileade e Basã. Não faziam parte do monte da herança, do qual ele e a congregação haviam cantado em seu

cântico, nem estavam naquele “lugar” para o qual ele havia dito ao midianita que ele e Israel estavam a caminho. Mas Rúben, Gade e Manassés tinham gado, e nas planícies a leste do rio, o gado poderia pastar abundantemente. Eles não cogitavam se revoltar ou renunciar ao seu compromisso com o Deus de Israel; mas tinham gado, e Gileade e Basã lhes convinham.

Que caso comum! Esta é uma geração numerosa. Nos conhecemos bem demais para nos surpreendermos com isso.

Se lermos o relato daquela ocasião, veremos que Moisés estava inquieto com essa movimentação das duas tribos e meia, e expressa sua preocupação (Números 32). Ele lhes diz que a conduta deles o fez lembrar dos espiões que partiram, anos antes, de Cades-Barneia, e cujo caminho motivou a peregrinação de quarenta anos no deserto. Eles se explicam e garantem que de forma alguma pretendem se separar da comunhão e dos interesses de seus irmãos; e fazem isso com zelo e integridade, mas Moisés teme por eles.

E agora Josué mantém esse mesmo povo sob o mesmo medo e suspeita. Ele os chama para perto de si e se dirige a eles com uma palavra especial de exortação e advertência, agora que o tempo de ação no arraial de Deus estava começando.

Mas tudo isso é doloroso. É ruim quando essa inquietação surge, quando o primeiro pensamento instintivo de um santo que caminha no poder da ressurreição de Cristo é o de alarme diante do que vê em um irmão, em alguém que, como Rúben, Gade e Manassés, embora mantenha a esperança do povo de Deus, não está no lugar apropriado para essa esperança. A veste de **“linho e lã”**, para usar uma figura levítica, está sobre tais pessoas, e o olhar, o olhar sacerdotal, que revela as diferenças, se aflige.

Digo novamente: Que comum! Mas nos conhecemos bem demais, assim como nossa insensibilidade, para acrescentar: Que maravilha!

Contudo, mais uma vez, eles respondem a Josué com zelo e integridade, assim como haviam respondido a Moisés: **“Como em tudo ouvimos a Moisés”**, dizem-lhe agora: **“assim te ouviremos a ti, tão somente que o Senhor teu Deus seja contigo, como foi com Moisés”**.

Gilgal: Josué 5

Pela primeira vez desde os dias dos patriarcas, os eleitos de Deus, os filhos de Israel, tocam agora a terra prometida. Foi um longo intervalo, mais de duzentos anos; e esse intervalo foi ocupado por eles, em grande medida, para a sua vergonha e tristeza. Um momento de alegria brilhou em seu caminho no tempo de José; mas desde então, os fornos de tijolos e os feitores do Egito, e depois os quarenta anos de peregrinação no deserto, haviam falado de seus sofrimentos; e suas idolatrias na terra do cativeiro, sua incredulidade quando Deus Se levantou para libertá-los, e depois as muitas provocações ao longo do caminho pelo qual agora haviam chegado a Canaã, falavam de seus pecados.

E antes que esse curso de pecado e tristeza tivesse começado, foi a iniquidade deles que os separou daquela terra no princípio, que agora acabavam de recobrar. Eles haviam pecado contra José, e daí veio o seu cativeiro.

Apesar de tudo isso, aqui estão eles novamente. Seus pés agora pisam a terra dos sepulcros de seus pais, a terra da promessa e da aliança de seu Deus.

As nações da terra sentem o poder do momento. Foi como o grito que ainda se ouve: **“Eis o Noivo”** (ARA).

O Dono da casa Se levantou. Israel havia cruzado as fronteiras, e era tarde demais para clamar: **“Senhor, Senhor, abre-nos a porta!”** (ARA). Elas sentiram o momento apesar de si mesmas, e o coração delas se derreteu.

Mas o arraial é levado a sentir outra coisa. A geração que havia nascido no deserto não fora circuncidada, pois se encontrava em uma condição estranha. Mas agora eles, por assim dizer, tinham revivido ou reapareceram em seu caráter apropriado, e a circuncisão torna-se algo necessário. Canaã era deles somente enquanto eles eram de Jeová, e eles deviam trazer o sinal de

pertencerem a Ele. Eles são circuncidados e, assim, tornam-se um novo povo. Tudo fica para trás, **“o opróbrio do Egito”**, como é dito aqui, **“a vergonha da tua mocidade”**, como diz Isaías (Is 54:4).

Tudo está oculto¹. **“Hoje”**, disse o Senhor a Josué, quando a circuncisão do povo havia ocorrido, **“retirei de sobre vós o opróbrio do Egito”**. Ele estava recomeçando com o Seu povo. Esta era a circuncisão, por assim dizer, pela segunda vez, como se o Senhor estivesse agora começando com a nação, assim como Ele fizera nos primeiros dias de Abraão, com a primeira circuncisão, iniciando com a família (Gênesis 17). E esta foi uma expressão muito bela de graça em sua rica e abundante glória. Israel agora pode celebrar a Páscoa como na noite de sua libertação do Egito, em Êxodo 12 – pois a Páscoa pertence a um povo circuncidado. Pois aquele a quem Deus santifica, isto é, separa para Si como por eleição, Ele redime, e deseja que os Seus redimidos conheçam e celebrem a sua redenção (Êxodo 12:45).

E a herança, então, na devida ordem, segue a redenção, assim como a redenção segue a santificação ou separação. Consequentemente, a terra agora lhes fornece alimento, visto que celebraram a Páscoa após sua circuncisão. Como lemos aqui: **“E, ao outro dia depois da páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do fruto da terra, pães ázimos e espigas tostadas. E cessou o maná no dia seguinte”**. E isso remete à herança. Foi a terra que lhes forneceu os pães e as espigas tostadas. O alimento do deserto, que era o maná, não era necessário na terra. É verdadeiramente precioso demais para ser esquecido; e, portanto, um ômer dele será guardado como memorial na própria arca de Deus (Êxodo 16:33), mas ainda assim, o alimento do deserto não é necessário na terra da herança. Assim como, em espírito semelhante, Israel construirá tendas na festa dos tabernáculos para se lembrar da vida no deserto. Mas as tendas não eram necessárias no meio das cidades, vilas e aldeias de Israel nos dias do reino. A lembrança da tristeza passada apenas intensifica a alegria presente. O cesto das primícias reconhece isso. Aquele cesto era o testemunho da

plenitude presente, mas a confissão que acompanhava sua apresentação trazia à memória o dia em que Israel era apenas um estrangeiro perecendo. Assim também nós, em espírito, como nos mostra o segundo capítulo de Efésios. Lembramos que éramos gentios, sem Deus e sem esperança, embora agora na liberdade de um povo conscientemente trazido para perto. E assim será em glória em breve, como agora é em espírito ou pela fé. Pois as harpas dos harpistas no céu anunciarão a condição passada de pecado e ruína.

Aqui, eu diria, o reino ou o milênio resplandece por um breve e místico momento. O Jordão foi atravessado, o deserto foi deixado para trás, e o povo de Deus se assenta em uma terra fértil de promessas e glória.

Jerico e Ai: Josué 6-8

Tendo entrado na terra e assumido sua circuncisão, aquela ordem de santificação que convinha à herança e à presença do Deus de Israel, começa a subjugação da terra.

O Senhor agora Se coloca a Si mesmo como Cabeça do exército, para que Ele possa ordenar as batalhas, como Capitão de Israel, assim como no deserto, na coluna de nuvem, Ele Se colocou a Si mesmo como Cabeça do arraial, para que Ele pudesse ordenar suas jornadas como Guia de Israel.

Aqui, porém, eu olharia ao meu redor por alguns minutos.

O Senhor estava de pé como um Soldado junto aos muros de Jericó, e na presença de Josué. Mas Josué não O descobriu. Isso foi semelhante ao que aconteceu com Gideão posteriormente em Juízes 6, e com Manoá em Juízes 13; Josué teve que indagar por Ele, como era comum em sua época. Mas não havia sido assim com Abraão em Gênesis 18.

Abraão reconheceu o Senhor imediatamente e prostrou-se diante d'Ele, tratando-O como o Senhor. Mas Josué teve que desafiar-Lo e perguntar-Lhe, como alguém que não sabia quem Ele era: "Tu estás do nosso lado ou do lado dos nossos adversários?"

Mas isso jamais servirá. Cristo não pode continuar com aqueles que têm pensamentos depreciativos a Seu respeito. Foi assim com Marta em João 11. Ela disse: **"Tudo quanto pedires a Deus, Deus To concederá"** – isso não bastava. E Jesus a fez saber imediatamente que não bastaria. **"Teu irmão há de ressuscitar"**, respondeu Ele. Não em resposta ao Seu pedido a Deus para que Lázaro ressuscitasse, como as palavras de Marta sugeriam, mas com base em Sua própria autoridade pessoal, no exercício de Seus próprios direitos, Ele prometeu que Lázaro, seu irmão, ressuscitaria. E assim, quando na escuridão de seus próprios pensamentos ela falou novamente e disse: **"Eu sei que há de**

ressuscitar na ressurreição do último dia", o Senhor, novamente demonstrando ressentimento, disse: **"Eu sou a ressurreição e a vida"**. Ele queria que a mente de Marta estivesse voltada para a Sua glória. E assim também aconteceu aqui com Josué. **"És tu dos nossos, ou dos nossos inimigos?"**, perguntou o líder de Israel. **"Não"**, disse Cristo, **"mas venho agora como Príncipe do exército do Senhor"**. Ele se ressentia do pensamento de Josué a respeito d'Ele, um pensamento que O considerava possivelmente do lado de Israel, mas não O reconhecia como o Cabeça e à frente de Israel. Ele deseja uma mente correta em Josué, assim como em Marta, ao contemplar Sua glória. Sim, em todos nós, amados. E certamente cada um de nós pode orar: *"Que possamos sempre apreender isso sem qualquer dúvida e confessá-lo sem hesitação."*

E é bem-aventurado ver como a mente de Josué rapidamente encontra seu lugar correto. Ele adora o Estranho a Quem havia desafiado pouco antes. Ele é agora o Príncipe da salvação aos seus olhos, e é confiado como Aquele que conduziria os filhos de Israel à vitória. Podemos precisar de instrução sobre as diversas glórias do Filho de Deus e esperar que elas nos sejam reveladas, mas todo santo carrega uma mente preparada para recebê-las e, de imediato ou instintivamente, se alegra nelas.

Mas agora, como veremos a seguir, sendo esta a batalha do Senhor, não importavam quais fossem as armas de guerra. Uma aguilhada, uma funda e uma pedra, lâmpadas e cântaros, ou uma queixada de jumento serviriam. E assim, o grito dos soldados e o toque de uma trombeta de chifre de carneiro provariam ser suficientes; os muros de Jericó cairiam, e aquela cidade, como as primícias da terra, seria tomada. Foi a fé que o fez, e não a força (Hebreus 11:30) – a fé que traz Deus, e trazendo Deus, a fé, se necessário, não só pode derrubar muros, mas também remover montanhas. Mas o mundo precisa ser julgado. O reino precisa ser purificado de tudo o que causa escândalo e pratica a iniquidade, antes que possa ser tomado e governado por Cristo. Jericó é dedicada à espada. Ela se apresentou como a amostra daquilo que seria julgado, e todos os que nela estavam, ou que a ela

pertenciam, exceto a família da fé que estava sob a proteção do fio escarlate, seriam exterminados. Essa família, e somente essa, foi redimida neste dia de juízo em Canaã, assim como a própria casa de Israel o fora num dia de juízo anterior no Egito (Êxodo 12).

Mas além disso... Todo o ouro e a prata deveriam ser do Senhor, assim como os utensílios de bronze e ferro. Isso nos surpreende? Uma única barra de ouro era suficiente para profanar uma tenda inteira e trazer o juízo de Deus em terrível e poderosa ruína sobre ela e todos os que nela estavam, enquanto o próprio Senhor podia tomar e guardar em Seu tesouro todo o ouro que fosse encontrado na cidade. Novamente, pergunto: isso nos surpreende? Bem, Deus é Deus e não homem. Cristo pode tocar um leproso; nenhum israelita poderia tocá-lo, fosse quem fosse; sacerdote, rei ou mesmo um nazireu. A ira do homem louvará a Deus. Deus pode usá-la, mas não devemos exercê-la. Cristo pode usar até mesmo aqueles que O pregam em contenda, mas devemos nos purificar quando tomamos Seu Nome sobre nós para proclamá-lo.

Jericó agora representa o mundo para o arraial de Israel, aquilo que seria julgado; que cada homem do arraial se mantenha afastado dela e de tudo o que lhe pertence. E, portanto, como lemos aqui, o povo é advertido a não tocar em nada que fosse daquele lugar, nem mesmo, por assim dizer, **“nem um fio, nem uma correia de sapato”**. Ela deveria ser como Sodoma aos olhos de Abraão. E ainda mais, marcando-a, como Sodoma novamente, para ser queimada perpetuamente, Josué conjurou o arraial naquele momento, dizendo: **“Maldito diante do Senhor seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó”**. Pois isso seria, de fato, um ato de Ninrode, um desafio ao Deus do juízo, um ato de Amaleque. Seria agir novamente como Caim de Gênesis 4, retornando à terra que Deus havia amaldiçoado, revivendo o que Deus havia sentenciado e condenado à destruição. A coisa amaldiçoada, porém, desafiando todas essas palavras solenes, é tomada. Era, de fato, um pecado à mão levantada. Nenhum sacrifício poderia expiá-lo. **“Há pecado para**

morte, e por esse não digo que ore". Uma barra de ouro e uma veste babilônica são cobiçadas, tomadas e escondidas no meio de Israel; e Israel, o arraial, torna-se, aos olhos de Deus, por um tempo, uma Jericó. A maldição que antes repousava sobre aquela cidade dos incircuncisos, agora repousa sobre o arraial do povo de Deus. A lepra de Naamã é lançada sobre Geazi – e, por justa razão de tudo isso, Israel é derrotado em sua segunda batalha em Ai.²

E aqui, deixe-me dizer, isto foi feito sob todas as provações do homem – a coisa maldita tem sido tomada repetidas vezes, sempre.

A criatura de Deus, Sua criatura responsável, uniu-se à impureza, isto é, exatamente com aquilo que ela deveria ter julgado. Tal foi Adão em Gênesis 3 – tal é Israel agora, e tal novamente em Juízes 1 – tal foi Salomão em Judá, e tal Jeroboão em Israel – e tal é a Igreja ou Cristandade como em 2 Timóteo 2.

Esta ocasião nos ensina isso. Josué deveria ter conhecido o segredo da derrota de Israel. Deveria ter percebido o mal que se escondia ali dentro, e que Israel não estava estreitado em Deus, mas em si mesmo. **"Por causa disso"**, como diz um apóstolo, por causa de algo interno – dentro das portas –, **"há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem"**. E também, pelo capítulo 6:18, ele deveria ter sabido onde se encontrava a causa desse desastre. Mas ele parece acusar e desafiar o Senhor e, como Davi no dia da sua indignação (JND) por causa da brecha contra Uzá, Josué precisa aprender que a culpa foi toda sua. Em vez das vitórias de Israel, portanto, a purificação de Israel deve ocorrer. Em vez de ir de força em força, primeiro as obras devem ser feitas novamente. Se não nos julgarmos a nós mesmos, o Senhor o fará, para que não sejamos condenados com o mundo. O arraial de Israel não será como uma nação cananeia, embora por um momento possa ser como Jericó. O pecado e o juízo de Miriã atrasaram o progresso de Israel pelo deserto; o pecado e o juízo de Acã agora devem atrasar o progresso de Israel pela terra.

Mas é apenas um atraso. A disciplina não revoga a graça; apenas mantém a santidade. O vale de Acor é uma porta de esperança (Oséias 2:15). (Assim, agora, o juízo sobre Israel, durante toda esta era entre parênteses, atrasou ou interrompeu novamente a história ordenada da Terra e de Israel. Mas a era do juízo terminará e Israel voltará a ser Israel.)

E é algo bendito saber que uma alma restaurada é sempre uma alma abençoada. Assim é aqui. O arraial ataca Ai uma segunda vez, e Ai é tomada, não com a mesma facilidade e honra com que Jericó fora conquistada; mas ainda assim é tomada, como na experiência de nossa própria alma, pois, embora perdoada e restaurada, e encaminhada para bênçãos ainda mais ricas e elevadas, a alma encontra novos elementos em sua história. Ela tem exercícios pelos quais passar, que poderiam ter-lhe sido poupados se tivesse andado de modo mais constante. Mas, no fim, certamente, Israel é abençoado. Ai cai, e seu gado e despojos tornam-se propriedade do povo, assim como o ouro e a prata, o bronze e o ferro de Jericó já haviam se tornado propriedade do Senhor.

O altar é então erguido. Deus é reconhecido imediatamente, assim como Ele foi reconhecido por Noé quando saiu da arca para o novo mundo – e como Abrão O reconheceu quando chegou ao lugar que o Deus da glória lhe havia indicado – como Israel O reconheceu assim que ultrapassou o Egito e o Mar Vermelho – e como Salomão O reconheceu quando assumiu o reino. Quaisquer que sejam a misericórdia, a coluna e o altar a seguirão, a misericórdia deve ser a ocasião de testemunho e de louvor.

Ao final desses capítulos, a aliança que submeteu Israel à lei é inscrita em sua respectiva coluna e lida perante o povo; pois a lei era a condição sob a qual a herança, na qual agora haviam sido introduzidos, seria assegurada e desfrutada, como veremos adiante, no capítulo 23.

E, voltando a esses capítulos por mais um instante, permitam-me dizer: se o Senhor julga isso no mundo, certamente não o deixará passar em Seus santos. Se a coisa maldita de Jericó for encontrada em Israel, a mão de Deus repousará sobre Israel como esteve sobre Jericó. Há uma diferença aí, pois, embora a controvérsia da santidade seja julgada da mesma forma em ambos os casos, no santo o pecado é julgado como por meio da disciplina para purificação; no mundo, é julgado para destruição. E tudo isso se manifesta aqui. Jericó é destruída, o arraial é purificado. Jericó não existe mais, o arraial está a caminho de novas conquistas. No caso do santo, o vale de Acor é sempre uma porta de esperança. A tribulação gera esperança por meio da paciência e da experiência. O Senhor não abandona Seu povo naquele vale. Somos julgados pelo Senhor para que não sejamos condenados com o mundo.

Mas aqui, gostaria de lembrar uma verdade que considero moralmente de grande importância, e que devemos sempre ter em mente ao seguir o curso das vitórias de Josué, a saber, que essas vitórias foram o juízo de Deus sobre um povo que havia sido suportado por séculos e que agora, antes mesmo da espada de Josué ser desembainhada, havia enchido a medida dos seus pecados (veja Gênesis 15). A iniquidade dos amorreus estava completa, e o juízo foi executado. A espada de Josué era um instrumento de juízo, mais do que de vitória. Ele deve aparecer diante de nós como um juiz, e não como um conquistador; e alivia o coração, ao contemplar as matanças desta solene história, ter em mente que as guerras deste Líder de Israel jamais devem ser consideradas meras invasões de um país mais fraco, pela força desenfreada e sem princípios de um exército superior. Josué era ministro de Deus, e **“Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta”**.

Os Gibeonitas: Josué 9

Neste livro de Josué, repleto de diversas ilustrações morais, somos apresentados aos gibeonitas e, por meio deles, a uma lição muito séria e importante.

Foi a fé que levou Raabe de Jericó a se aliar a Israel, como vimos em nossa meditação sobre o capítulo 2, e como aprendemos tanto em Tiago quanto no capítulo onze da Epístola aos Hebreus. Pois ela acolheu o povo de Deus em seu dia de fraqueza, enquanto ainda estavam no deserto – como Rute mais tarde, que desejou ir com Noemi, ainda exilada e pobre, ou como Abigail, que reconheceu Davi no dia em que ele precisava de um pedaço de pão.

Isso é fé. Isso é aceitar o Filho do Homem sob o sinal do profeta Jonas. Mas esse não foi o caminho dos gibeonitas. Durante o intervalo desde Raabe até eles, Israel atravessou o Jordão. Nas palavras da Escritura, *“o Dono da casa Se levantou e fechou a porta”*. O juízo havia começado a seguir seu curso. Era tarde demais para que a fé se exercitasse.³ Israel não estava mais distante, mas havia chegado; não mais invisível, mas no meio deles. Seu dia de poder havia chegado. Foi, portanto, o temor por si mesmos, e não a fé, que moveu os gibeonitas a buscar uma aliança com Israel. Foi como o clamor: **“Senhor, Senhor, abre-nos a porta”** (ARC) – e nos é dito que tal clamor é em vão.

Os gibeonitas tinham ouvido falar do que Josué fizera em Jericó e Ai; isto é, ouviram falar do juízo na terra depois que Israel atravessou o Jordão, ou, como dissemos, quando o Dono da casa havia Se levantado. Raabe ouvira falar do que o Senhor havia feito no Mar Vermelho e no deserto (veja 2:10; 9:3). Mas isso faz uma grande diferença. É fácil ser benigno quando as dores nos acometem; mas essa benignidade não provém da fé, mas do temor. É natural, aliás, necessária. Os gibeonitas alegam ter sido

movidos pelo mesmo relato que comoveu Raabe (vs. 9-10), mas isso era falso, como o versículo 3 já nos mostrou. Eles eram como a multidão que seguia o Senhor, não porque viram os milagres, mas porque comeram dos pães e ficaram satisfeitos. Eles buscavam Josué por aquilo que pudessem obter, conseguir ou produzir por meio dele; Eles o procuraram por si mesmos, em busca da libertação que agora percebiam necessitar, visto que o juízo os havia alcançado.

Essa era a postura moral dos gibeonitas. Não havia neles fé para reconhecer o Deus de Israel. Josué deveria ter percebido tudo isso, mas dormiu, e o joio agora está semeado no campo. Os príncipes fazem uma aliança com esses homens de Gibeom, e os incircuncisos encontram um lugar no meio de Israel. Israel pode agora fazer o melhor que puder, dadas as condições e os resultados de sua própria negligência, mas o joio não pode ser arrancado agora, e ali, nos campos de Israel, eles estão destinados, em breve, a causar problemas suficientes àqueles que os permitiram entrar (veja 2 Samuel 2:1).

Certamente, podemos extrair uma lição importante de tudo isso.

Aprendemos a diferença entre a fé que forma uma aliança presente com Cristo, a qual Ele reconhecerá no futuro dia da Sua glória, e o temor que O busca após o dia do juízo já ter se iniciado. É nesta era da Sua fraqueza que a fé O reconhece, e então a hora do juízo, e a eternidade de glória, cada uma à sua maneira, nos pertencem.

Aprendemos também sobre o perigo, bem como sobre o mal, de sermos negligentes no serviço da casa de Deus. **“Dormindo os homens, veio o Seu inimigo, e semeou joio”**. Nossa negligência produz danos, cujos frutos amargos podem ser colhidos depois de muitos anos.

A Conquista da Terra: Josué 10-12

A terra, como vimos, foi adentrada em nome do Deus de toda a Terra. Raabe, que teve fé, foi libertada. O arraial foi purificado da maldição que o transformou, por um instante, em uma Jericó ou uma Babilônia. Jericó e Ai caíram. Os gibeonitas obtiveram entrada ou um assentamento, como joio no meio do trigo, em juízo sobre os homens que dormiam, e agora a espada do Senhor e de Josué está prestes a completar a conquista da terra.

É um dia de juízo. A vingança da justiça será executada sobre os amorreus, que já haviam enchido a medida de seus pecados. A longanimidade de Deus não teria mais que esperar (Gênesis 15:16).

É um dia de juízo para essas nações, assim como o dia de Noé o foi para o mundo antes do dilúvio, ou o dia de Ló para as cidades da campina, ou o dia de Moisés para a terra do Egito. A espada de Josué, como já dissemos, deve ser interpretada como a de um juiz, e não a de um conquistador. A entrega da herança aos filhos de Abraão pode parecer a principal causa dessa grande ação, mas na verdade se fundamenta no fato de que a medida da injustiça dos amorreus estava agora cheia. A espada da conquista para Israel é a espada do juízo sobre os cananeus – e o povo do Senhor teve que esperar o amadurecimento do pecado das nações e o juízo do Senhor, antes de poder alcançar sua herança (veja Gênesis 15:16).

Isto é exatamente o que se sabe neste exato momento. O reino milenar, que é a herança de Cristo e os santos, não será alcançado até que o mundo tenha enchido sua medida e a espada do juízo o tenha alcançado. Aquilo que julga o mundo abre caminho para o reino e para a herança, assim como a espada de Josué fez. Ouçam as diferentes vozes nos primeiros versículos de Apocalipse 14.

Mas, além disso, sendo a espada de Josué realmente a espada do Senhor, e sendo as vitórias do grande Príncipe de Israel realmente o juízo de Deus, vemos o próprio Senhor Deus intervindo diretamente. Saraiva cai do céu na batalha de Gibeom, e o Sol e a Lua param em seu curso até que Josué vingue o Senhor de Seus inimigos e conquiste a vitória para o Seu povo. Assim havia sido nos dias de outros juízos anteriores, pois é a **“Deus, a Quem a vingança pertence”**. Deus é o Juiz, como foi sinalizado desde o princípio. Pois foi o próprio Senhor Quem tomou em Suas mãos o castigo de Caim (Gênesis 4:15). Foi o próprio Senhor Quem fez brotar as águas de Noé. Foi o próprio Senhor Quem fez chover fogo e enxofre sobre as cidades de Sodoma e Gomorra. Foi o próprio Senhor Quem enviou praga sobre praga sobre a terra do Egito e, por fim, olhou através da coluna de nuvem e submergiu os exércitos egípcios no Mar Vermelho.

Assim, se lermos o Apocalipse, que descreve para nosso aprendizado o juízo do mundo pouco antes da vinda da glória ou do reino, descobriremos que será o próprio Senhor Quem abrirá os selos e liberará as visitas da ira; e, por fim, como o Cavaleiro do cavalo branco, derrotará toda a força confederada e apóstata do mundo. Esse Cavaleiro, vindo do céu para julgar a besta e seu exército, é como o Senhor olhando através da nuvem para o exército do Egito.

De fato, Josué parece ter captado de forma impressionante a essência do momento. As pedras de saraiva, reconheço, podem ter lhe indicado que o Senhor nos céus estava assumindo a batalha como Sua. Mas a história de outros dias de juízo, como os que mencionei, de Caim, Noé, Ló e Moisés, era suficiente para lhe mostrar que Ele era o próprio Executor do juízo, e Josué, portanto, colocaria agora as armas de guerra e os instrumentos de vingança em Suas mãos. Ele captou de forma primorosa, repito, a essência do momento. Ele nos lembra o João dos evangelhos. João representa aquela percepção e empatia espiritual que permitia descobertas rápidas e quase instintivas de seu Senhor. E Josué agora profere seu célebre oráculo, como se estivesse

ouvindo e observando as grandes ordenanças nos céus, sem qualquer reserva ou contenção em seu espírito, com toda a liberdade e autoridade: **“Sol, detém-te em Gibeom, e tu, Lua, no vale de Ajalom”**. Ele sabia que o juízo era obra de Deus; e o entregaria em Suas mãos. Sabia que Deus lutava por Israel, e ele confiaria a batalha a Ele. Esse tom de decisão, fruto da clareza à luz e do conhecimento da mente de Cristo, é algo muito nobre. Os espias, no segundo capítulo, não hesitaram nem tiveram dúvida ao prometer segurança a Raabe. Não atravessaram o Jordão novamente para obter a autorização de Josué. Sabiam que tinham título para prometer a salvação a ela, pecadora como era, cananeia como era. Tinham o espírito de fé e eram vasos da luz de Deus. “Julgaram em si mesmos”. Eles sabiam qual era a boa, agradável e perfeita vontade de Deus naquele momento; e assim, aqui, no décimo capítulo, Josué não se demora nem hesita, mas age prontamente e com decisão, e isso, inclusive, além do que se poderia considerar as mais elevadas prerrogativas de uma criatura, mesmo em graça. Ele falou aos céus, dando ordens ao Sol e à Lua.

Maravilhoso! O Espírito, registrando tal momento, faz uma pausa para admirá-lo. **“E não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor assim a voz de um homem”**.

Uma ocasião verdadeiramente grandiosa; mas há dias semelhantes depois, e ainda assim não há espanto neles. Jesus comanda os ventos e as ondas. Ele detém as forças da natureza, sejam elas celestiais ou terrenais, mas o Espírito, que também registra esses feitos, não os considera espantosos, pois de fato não eram. A voz de Josué era apenas **“a voz de um homem”**, como lemos, Cristo era **“sobre todos, Deus bendito eternamente”**. Mas este momento pode ser de plena admiração para nós. Josué sabia que a batalha pertencia ao Senhor em favor do Seu povo, e que o juízo ou a vingança também Lhe pertenciam, e ele desejava que o Sol e a Lua esperassem e dessem tempo ao Senhor até que Ele concluísse Suas obras,

Suas obras poderosas e estranhas, Suas obras de misericórdia e de juízo.

E, como lemos adiante nestes capítulos, o Senhor endurece o coração dos cananeus neste seu dia de juízo, assim como anteriormente havia endurecido o coração de Faraó em seu dia de juízo, e como tornará, em breve, insano o mundo antes de julgá-lo, enviando a operação do erro. O coração dessas nações dos amorreus estava agora endurecida a ponto de vir contra Israel para a batalha e investir contra os grossos escudos do Todo-Poderoso, como lemos; ou, como lemos ainda, para recalcitrarem contra os agulhões no espírito insensato da autodestruição.

E aprendemos igualmente com esses capítulos que o exército conquistador de Israel retornou a Gilgal, onde o arraial estava montado. Gilgal havia sido o local de sua circuncisão, e a circuncisão era o sinal de sua nova condição. Ela havia removido o opróbrio do Egito. Tudo o que é passado, é passado para um povo circuncidado ou batizado. Tais pessoas renunciaram a si mesmas. A circuncisão simbolizava o abandono, por parte de Israel, de tudo o que lhes pertencia e a adoção do Senhor como sua fonte de confiança e força, e o segredo de todas as virtudes neles contidas. **“A circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne”**. Ela contradiz e revela a carne, e se glorifica no Senhor. E quando tal coisa poderia ser lembrada de forma mais apropriada? Quando Gilgal pode ser revisitada de maneira mais oportuna, senão após a vitória? A vitória pode ensoberbecer. É difícil usar um dia glorioso com modéstia. Mais difícil ainda é usar uma vitória do que conquistá-la, como já foi dito. Abraão a usou bem. Em espírito, ele retornou a Gilgal depois dela, e assim também o exército de Israel ali. **“Quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis”**. As honras que haviam conquistado foram depositadas no altar de Deus, ou aos pés do Senhor. A circuncisão deles foi lembrada, eles próprios foram despojados de si mesmos, agora eram um exército de conquistadores circuncidados. A vitória deles era a d'Ele. **“Então**

Josué, e todo o Israel com ele, voltou ao arraial em Gilgal" (veja cap. 5:9; 9:6; 10:6, 43). Siló será o lugar do tabernáculo em breve (cap. 18); Gilgal é agora o lugar do arraial, e também do exército após suas vitórias.

O catálogo dos reis e seus países, agora reduzido, encerra esta seção do nosso livro: **"E", como lemos, "a terra descansou da guerra"**.

A Divisão da Terra: Josué 13-21

A divisão da terra segue-se após a sua conquista. Ela se torna herança de Israel assim que é tomada das mãos dos amorreus. Havia chegado o tempo do juízo do povo da terra, e juntamente com isso, havia chegado o tempo de colocar os filhos de Abraão na posse dela. Se os amorreus já haviam enchido a medida de seus pecados, Israel já havia enchido a medida de sua escravidão e de sua peregrinação. O vaso é purificado, e então o tesouro é colocado nele. Assim é sempre. Tem que ser assim. Estas são as exigências da santidade e da graça, e tais exigências certamente devem ser satisfeitas. Esta é a imagem do modo de Deus agir, necessariamente assim, do princípio ao fim. Por que, então, a obra do Criador no princípio, se o descanso do Criador não havia de se seguir? E por que, então, os juízos que, no fim, devem limpar a Terra de suas opressões e corrupções, se o reino e a glória não haviam de se seguir? Um dia milenar há de vir após os juízos, assim como o descanso do Criador sucedeu à Sua obra, ou como o novo mundo surgiu de debaixo do juízo do antigo por meio do dilúvio; ou como a sorte, no dia de Josué, sucedeu à espada, como a divisão da terra, sucedeu a conquista da terra; ou assim como as vitórias de Davi abriram caminho para o cetro, o cetro de paz de Salomão (veja Números 33:50-56). Tudo isso é seguro e simples: santidade e graça, como dissemos, fazem essas exigências, e tais exigências devem ser satisfeitas da maneira mais perfeita de Deus.

Mas há mais. A terra, agora tomada das mãos dos ímpios e feita a porção dos eleitos de Deus, deve ter certas características novas e adequadas gravadas sobre ela. Isso também precisa ser assim. Se o Senhor age, é para conduzir a Si mesmo ao descanso; se Ele julga e elimina a iniquidade, é para conduzir-Se ao reino; e então, assim que Ele entrar em Seu descanso, ou assumir Seu reino, Seu descanso e Seu reino terão características impressas neles,

dignas de Sua mão e presença. O novo mundo após o dilúvio testemunhou Sua adoração e Seu governo, o altar e a espada de Noé nos contam isso. Eles deram caráter àquele novo mundo. Os dias de Salomão carregavam suas marcas adequadas da mesma maneira. Debaixo de suas videiras e figueiras, Israel comia, bebia e se alegrava, em número tão grande quanto os grãos de areia da praia; o templo foi construído; a paz fluía como um rio; e os reis distantes da terra esperavam pelo Rei em Jerusalém. Assim, como sabemos, o mundo milenar terá os vestígios da presença das glórias de Cristo em toda parte. Ele carregará suas próprias características de forma profunda e brilhante. Será um mundo redimido do homem e de Satanás e tornado do Senhor; e, como pertencente ao Senhor, terá seus próprios novos frutos e características, exuberantes, viçosos e fluorescentes sobre ele, que revelarão a Quem pertence e o que ele é.

E assim se vê no desenrolar destes capítulos. A terra de Canaã, estando agora na possessão do povo de Deus, ostenta muitos e muitos emblemas que proclamam suas novas condições, tais como os amorreus nunca colocaram nem jamais poderiam ter colocado sobre ela. Assim, ela torna-se um santuário, o cenário e o testemunho da adoração a Deus. O tabernáculo é erguido em Siló. Em toda a sua extensão, torna-se, como falamos, um mundo religioso, a sede de uma ordem religiosa, com ministros de Deus dotados e estabelecidos em todas as partes do país, ocupando-se continuamente no serviço a Deus. Em toda a sua extensão, também se faz provisão para a manutenção da justiça entre os homens. A instituição das cidades de refúgio demonstra isso, pois ali o inocente deveria encontrar abrigo até que uma questão duvidosa entre ele e seu próximo pudesse ser resolvida, segundo a verdade e a justiça.

Tais eram algumas das grandes e adequadas características gravadas sobre a terra agora resgatada dos incircuncisos e feita a porção do povo de Deus. Eles constituem a expressão plena de um mundo religioso, da Terra trazida de volta a Deus. Canaã estava agora purificada pelos juízos, distribuída entre as tribos do

Senhor, tornando-se o cenário da adoração divina, a Igreja e o Estado unidos, e os fins da santidade de Deus, assim como os fins da justiça entre os homens, estavam assegurados. Era um pequeno mundo, feito de Deus – uma amostra da Terra restaurada, ou trazida de volta a Ele – uma sombra dos bons dias que virão, quando o mundo inteiro, a Terra em sua extensão e largura, tomada pelo Senhor, terá os sinais de sua santificação, o conhecimento de Sua glória cobrindo-a como as águas cobrem o mar, o nome de Jesus se elevando a cada sacrifício da manhã e da tarde, e o cetro da justiça mantendo tudo em santa ordem em todas as condições e relacionamentos dos homens.

Contudo, encontramos algo de outra natureza na verdadeira condição das coisas. A terra ainda não estava totalmente conquistada, embora estivesse totalmente dividida; e isso era assim porque Israel havia de ser colocado à prova. Eles foram colocados na possessão da terra pela graça do Deus de seus pais, mas deveriam mantê-la como um povo ligado à obediência, sob a lei que eles mesmos haviam desafiado, ou ao menos assumido, no Monte Sinai. Em certo sentido, portanto, eles agora possuíam sua herança; em outro, não a possuíam. E, conseqüentemente, ao longo destes capítulos, lemos uma linguagem tão diversa quanto a seguinte. Pode soar dissonante e transmitir a sensação de inconsistências, mas tudo está moral e belamente correto quando, no devido tempo, nos familiarizamos com as condições do povo que agora habitava a terra.

A linguagem a que me refiro encontra-se nestas duas passagens: **“Desta maneira deu o Senhor a Israel toda a terra que jurara dar a seus pais; e a possuíram e habitaram nela. E o Senhor lhes deu repouso de todos os lados, conforme a tudo quanto jurara a seus pais; e nenhum de todos os seus inimigos pôde resisti-los; todos os seus inimigos o Senhor entregou-lhes nas mãos”**. E novamente – **“Era, porém, Josué já velho, entrado em dias; e disse-lhe o Senhor: Já estás velho, entrado em dias; e ainda muitíssima terra ficou para possuir”**.

Ora, essas passagens, e outras que poderiam ser citadas, soam como discordantes e parecem historicamente inconsistentes; mas, moralmente, ou segundo as condições em que Israel se encontrava agora em sua herança, tudo é correto e compreensível. Eles não foram estreitados em Deus, que estava pronto para estabelecê-los plenamente, mas poderiam estar estreitados em si mesmos e perder a terra. Parte da terra ficou por ser conquistada, mas toda ela foi dividida para que Israel fosse colocado à prova. Assim, todo estado de coisas é simples e fácil de entender. Deus era fiel e manifestaria o cumprimento de todos os Seus compromissos gratos. Israel ainda precisava provar sua fidelidade. (Aprendemos como eles falharam de imediato. O Boquim de Juízes 2 nos conta isso.)

A terra totalmente dividida pode nos dizer como o Senhor foi fiel e lhes deu tudo o que foi prometido, como lemos aqui; os habitantes apenas parcialmente subjugados podem nos dizer que Israel ainda precisava ser provado e que ainda não tinha plena possessão da terra, como também lemos aqui.

Calebe: Josué 14-15

Será que temos dado a Calebe o mesmo respeito, ou dedicado à sua história a atenção que deveríamos? Perdemos-lo de vista em meio à narrativa mais ampla e brilhante de Josué. Mas não deveria ser assim, pois ele brilha em sua própria esfera no firmamento da Escritura e deixa atrás de si traços que bem poderíamos desejar reproduzir ou retrilhar em nós mesmos.

Nós o vemos em Números 13:14, e o encontramos ali, de fato, mais zeloso do que Josué. De qualquer forma, ele alcança tão boa reputação quanto Josué.

Certamente a graça será soberana; e é algo de uma bênção imensa quando podemos nos curvar à sua soberania, embora, em seus arranjos de alta prerrogativa, ela possa nos tratar de maneira que a natureza ressentiria, e nos conceder apenas uma bênção de Manassés, ou seja, uma bênção da mão esquerda. Portanto, Calebe não ousaria reclamar por um momento sequer que Josué estivesse mais próximo de Moisés do que ele; mas, para o alívio de seu coração (se ele sofresse com tal provação), ele poderia ter se lembrado de que, antes do dia de Números 13:14, mesmo na época de Êxodo 17, Josué estivera ao lado de Moisés, e que naquela ocasião ele próprio não estivera com ele.

Ainda assim, podemos perfeitamente entender que a natureza possa ter sentido um aperto no coração quando, depois de Moisés, Josué se torna o principal no arraial e Calebe se torna subordinado, como vemos no capítulo 14. Mas ele suporta isso de maneira bela, e eu me pergunto: não é tão belo se alegrar com a frutificação de outro quanto nós mesmos sermos frutíferos?

Sem inveja ou ressentimento maculando seu espírito, Calebe busca o apoio do homem de quem, em sua juventude, fora companheiro e cooperador. Ele o utiliza em vez de invejá-lo. Ele não se importa que esta palavra lhe seja dirigida: **"Dá o lugar a**

este". O cântico **"Saul feriu os seus milhares, porém, Davi os seus dez milhares"** o encontrou preparado. Calebe não se abalou.

Tal coisa possui grande beleza moral. Temos outro exemplo disso em Pedro, em João 13. Pedro vê João reclinado no seio do Senhor; mas, em vez de invejar aquele lugar mais próximo, ele o utiliza ali, pedindo-lhe que descubra o segredo daquele seio, onde ele, embora mais velho dos dois, não estava reclinado. E assim também Calebe, aqui no capítulo 14. Ele utiliza Josué em vez de invejá-lo.

De fato, eu poderia ter observado uma graça semelhante em Moisés, quando, ao ouvir que Eldade e Medade estavam profetizando no arraial, ele imediatamente foi até lá para que pudesse ouvi-los pessoalmente. Moisés repreendeu o ressentimento que teria tido ciúmes por ele.

É estranho, eu admito, que tenhamos que parar e admirar tais coisas, mas sabemos que podemos fazê-lo. As corrupções têm um caráter profundo e odioso na alma, como todos nós bem sabemos, e esses exemplos de desembaraço ou de vitória não podem deixar de despertar nossa admiração.

Mas, novamente, Calebe era grandioso em outra característica. Ele era fiel entre os infiéis. Ele tinha sido assim no deserto e assim continua sendo agora na terra. Ele parece ter sido o único de todas as tribos de Israel que se recusou a formar aliança com os cananeus nativos. Assim como ele se manteve fiel com Josué entre os espias no deserto, ele continua sendo fiel entre as tribos na terra. Ele prossegue, espada em punho, até expulsar todos os que encontrou de suas possessões em Hebrom (cap. 15).

Além disso, ele valorizava sua herança. Seu coração estava voltado para o que Deus lhe havia prometido. Ele foi forte e corajoso para tomá-la, e então desfrutou dela com fervor e regozijo.

Essas são nobres qualidades de **“um verdadeiro israelita”**. Calebe se humilha diante da maneira e dos desígnios de Deus para obter título à sua porção; ele fixa seu coração nessa porção; ele é zeloso e valente em mantê-la, mesmo diante de todos que se opuseram a ele. Belos sinais, sem dúvida, de um santo de Deus! E certamente, posso dizer novamente, é bom, proveitoso e, além disso, agradável prestar um pouco mais de atenção a este distinto israelita do que tem sido comumente feito entre nós. Ele é a própria contradição de seus irmãos infieis. Em vez de formar aliança com os cananeus, dando filhos ou filhas em casamento, ele publica esta nobre proclamação: **“Quem ferir a Quiriate-Sefer, e a tomar, lhe darei a minha filha Acsa por mulher”**. Ele guardou **“o caminho do Senhor”** tão puramente quanto Abraão sempre o fizera. Nenhum marido para sua filha, a não ser um dos designados pelo Senhor. Ele não construiria sua casa com madeira e palha.

Notas

[←1]

Observe também sob que novas condições o filho de Moisés teve de ser circuncidado (Êx. 4).

[←2]

Que nível de iniquidade madura Jericó havia alcançado ao ter em si a consciência da Babilônia. Certamente ela estava preparada para o juízo.

[←3]

O que é dito sobre os gibeonitas em Josué 11:19-20 pode levar a uma aceitação condicional dessa interpretação. Compare com a de Raabe. A deles não representa fé, como a dela. O medo diante da presença de um ser forte e vitorioso foi o que motivou suas ações.